

# DF. Invasão Tratores derrubam hoje, invasor constrói amanhã

*Barracos de madeirite erguidos no final de semana foram derrubados ontem. SivSolo destrói também casas de tijolos*

Rovênia Amorim  
Da equipe do **Correio**

**B**ia de derrubada nas invasões do Distrito Federal. A operação foi mais fácil em Samambaia. Apenas três das nove famílias que no começo do ano construíram, às pressas, barracos de tijolo em lotes vazios da QR 602 esperaram a ordem de demolição do oficial de Justiça. As demais preferiram abandonar antes as casas de um cômodo. Em Riacho Fundo houve maior resistência. Invasores que lotearam chácaras no Combinado Agrourbano (Caub II) tocaram fogo no mato seco para tentar impedir o acesso dos fiscais e a destruição dos barracos.

Houve choro e reclamação, mas no final a equipe do Serviço Integrado de Vigilância do Solo (SivSolo) conseguiu derrubar os 12 barracos construídos no final de semana. Na maioria deles nem tinha gente morando. Sequer havia porta ou janela. Alcéia estava num dos barracos de madeirite nova, quando o comboio de caminhões e uma pá-mecânica chegou. Já passava de meio-dia. Seus poucos

móveis — fogão, garrafão de água mineral e colchão — foram retirados e o barraco destruído em alguns minutos.

A agricultora não quis dar muitas informações. Ateve-se a chorar com o queixo apoiado no cabo da enxada. “Por que isso agora? Depois de quatro anos de luta, tudo destruído”, lamentava. O choro não comoveu o chefe de Operações do SivSolo. O major Esmeraldo Oliveira garantiu que Alcéia é uma velha conhecida. “Só este ano, derrubei barraco dela três vezes. Em invasões da Colônia Agrícola Veredão e da Cana do Reino, em Taguatinga”, informou.

Bem mais calmo, o agricultor Leonardo Vieira Damasceno, de 25 anos, seguia de carro o comboio do SivSolo. “Está tudo errado. Se é para derrubar, tem de derrubar todas as construções das 200 chácaras do Caub I e II. Fazem isso com a gente porque somos pobres”, reclamava ele, que é filiado da Associação dos Moradores e Agricultores do Caub.

O agricultor argumentava que os chacareiros têm um contrato de arrendamento com a Fundação Zoobotânica que

ainda não venceu. “Precisamos estar na área para renová-los por mais 50 anos”, disse. No entanto, gaguejou e não soube explicar por que a terra não foi ocupada antes. E cultivada. A área é coberta por vegetação de cerrado e começou a ser loteada na quinta-feira da semana passada. Informou apenas que o governo não cumpriu todo o acordo de desapropriação das terras.

“Aqui era uma terra particular, mas foi desapropriada e pertence hoje à Terracap”, explicou o major Esmeraldo Oliveira. A área, entre o Riacho Fundo e o Recanto das Emas, está reservada para desenvolvimento econômico. “O que está acontecendo aqui é especulação. Tem gente vendendo cessão de direito.” Ex-agricultor no Caub II, o vigilante da Fundação Cidade da Paz Antônio Belarmino Carneiro, de 60 anos, confirma a grilagem.

“Fui desapropriado em 1994. Recebi um lote no valor de R\$ 29,5 mil e ainda R\$ 11 mil em dinheiro. A minha chacara de 6 hectares pertence ao governo. Só que foi vendida por um morador do Caub II”, denun-

ciou. “Se houve alguma injustiça na desapropriação, como alega a associação, quem deveria então estar na chacara 11 era o antigo dono. Eu e não outro.”

Em Samambaia, a destruição de nove barracos teve menos questionamentos. Apenas três famílias aguardaram a chegada da pá-mecânica. As demais preferiram abandonar os casebres de alvenaria construídos em lotes invadidos da quadra 602. Ao todo são 27 terrenos, que foram repassados à Prefeitura Comunitária da Quadra Residencial 601 de Samambaia, no final do governo passado por meio do Programa de Atendimento a Grupos Organizados.

Para recuperar os lotes invadidos, os cooperados foram à Justiça. E em 4 de junho, a juíza

Maria Leonor Leiko Aguenta concedeu liminar, dando a reintegração de posse de 27 lotes da QR 602 à Prefeitura Comunitária. “No dia 22 de setembro temos audiência de conciliação com relação aos demais lotes que ainda estão invadidos. Mas não terá acordo. Queremos os lotes de volta”, adiantou Juvêncio Nascimento de Assis, prefeito comunitário da QR 601.

